



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13373 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MULHERES ANGOLEIRAS: PEDAGOGINGAS E ARTE-RESISTÊNCIA NA CAPOEIRA ANGOLA

Alessandra Ferreira Marinho - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Gilcilene Dias da Costa - UFPA - Universidade Federal do Pará

MULHERES ANGOLEIRAS: PEDAGOGINGAS E ARTE-RESISTÊNCIA NA CAPOEIRA ANGOLA

Resumo: Este trabalho visa cartografar os saberes e fazeres políticos e poéticos de mulheres na arte-resistência da capoeira angola por meio do coletivo “Angoleiras Cabanas”. Essa manifestação cultural afro-diaspórica permeia campos de saberes múltiplos, potencializados pela poética do canto, dos toques, de corpos moventes em tessituras com os saberes do feminino materializados pela cabaça e a ginga como devir. Contudo, a capoeira mulher foi decalcada por um viés patriarcal e masculinizante, mesmo sempre havendo mulheres com seus corpos encapoeirados, o que move as seguintes inquietações na pesquisa: que resistências são movidas no encontro entre mulheres e a capoeira angola? Que devires e linhas de fuga são lançados nesses agenciamentos coletivos? Quais as potências políticas e epistemológicas do conceito de *pedagogingas* na educação? A pesquisa se desenvolve por meio da Cartografia de Deleuze e Guattari (1995) aliançada aos feminismos plurais de Espinosa-Miñoso (2013), hooks (1994), Araújo (2017), Fialho (2021), Fonseca (2012) entre outras abordagens no campo da educação. Em processos, fluxos de vida e fissuras as mulheres praticantes de capoeira angola vêm traçando devires outros nas relações com o saber/fazer por meio de suas poéticas do canto e de corpos insurgentes.

Palavras-chaves: Cartografia, Mulheres, Capoeira angola, Devir, Saberes.

Movimentos iniciais

A capoeira angola, enquanto manifestação afro-diaspórica marcada pela resistência e (re)existência, traz no seu cerne uma multiplicidade de saberes que se revelam por meio das artes de cantar, tocar e jogar, o jogo das multiplicidades, que perpassa por lutas políticas contra o sistema opressor, mas também de lutas internas pelo fim de uma capoeira que internalizou o sistema colonial/patriarcal e que exclui corpos dissidentes que não estejam no

padrão masculinizante. Nesse movimento, as mulheres vêm provocando fissuras num sistema hierárquico que apenas legitimava homens como lideranças: treineis, contramestres e mestres. Entre estratégias diversas para a permanência e reconhecimento de mulheres na capoeira angola está a presentificação dos elementos do feminino: a cabaça – símbolo da sementeira, dos fluxos de vida, – e a ginga – símbolo da resistência feminina. Em meio a paradoxos, as linhas de força que marcam a potência do feminino na capoeira foram silenciadas e negadas. Assim, ao mergulharmos em registros históricos, vemos que as mulheres são apontadas como capoeiristas, mas com constantes tentativas de subalternização das suas imagens pela ótica masculina: prostitutas, ciumentas, amadoras entre tantos preconceitos que centralizam o homem como motor e mentor da ação feminina. Contudo, potentes linhas de fuga foram e são traçadas e em processos de enfrentamentos e negociação, mulheres coletivizaram-se, deslocaram eixos em busca do equilíbrio presentificado pelo próprio movimento da ginga, traçando outras linhas, outros agenciamentos coletivos com poéticas que salientam seus protagonismos, com devires outros: devir-musicar, devir-cantar, devir-tocar, devir-gingar, devir-corpos moventes, devir-corpos múltiplos, devir-lideranças.

Em junções, dialogamos com o conceito de *pedagogingas*, espécie de pedagogia da ginga ou pedagogias que gingham ao toque do berimbau, em movimentos de criação e insurreição de uma arte-resistência feminina/feminista, capaz de tensionar as raízes da tradição patriarcal masculinizante que historicamente segregou a participação de mulheres e de outras sexualidades dissidentes das rodas de capoeira.

Criando outras realidades, em devir-musicar, as cantigas de capoeira surgem como essa literatura menor potencializada pela epistemologia da ginga e o feminismo angoleiro movendo a composição de ladainhas escritas por mulheres narrando seus processos lutas e movências.

Capoeira Angola

Mestra Alcione

Hoje eu acordei chorando
lembrando por onde andei
todos os dias de alegria
e as lutas que enfrentei
nesse campo de mandinga
aprendendo sou mulher
sou conquista e pela frente
vai ser melhor para quem vier
no caminho a flor espinho
no caminho eu vou com fé
com leveza e justiça
salve mãe meu pai Axé
Irmandade é fundamento
não deixo o barco virar
quando eu aqui cheguei
para Angola vadiar
me lembra a primeira ginga
trago sempre na memória
a história que eu vivi e
que estou contando agora
agradeça ao seu Pastinha
e as mestras de capoeira
conheci o Brasil e o mundo
nas rodas de bananeira

Jogo e luta
 Amor e dor
 alegria e tristeza
 se cair você levanta
 se benze sopra poeira
 mulher siga ao seu destino
 nossa força de angoleira
 camaradinha!
 Vamos simhora!

Nas pedagogias dessa arte-resistência feminina/feminista do Coletivo “Angoleiras Cabanas”, buscamos cartografar as potências do devir-mulher, do devir-ginga do corpo movente dessa cultura, em processos múltiplos de educar, permeados de atravessamentos e encontros nesse devir-educar que se alia à ginga, enquanto esse campo do saber que recorre à ancestralidade africana e à multiplicidade dos corpos em potências artísticas e políticas. A ginga rompe assim como esse padrão colonial/hetero/patriarcal, tanto no aspecto estético quanto no político, desterritorializando corpos em uma sociedade pautada pelo viés binário que separa masculino/feminino, mente/corpo.

Nesse mergulhar no percurso dos acontecimentos da arte-resistência da Capoeira Angola, este estudo desafia-se a cartografar as intensidades da pesquisa, os encontros, os devires, as reverberações do coletivo de mulheres praticantes de capoeira angola, “Angoleiras Cabanas”, “voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.30). Reverberam as seguintes inquietações: que artes-resistências são movidas no encontro entre mulheres e a capoeira angola? Que devires e linhas de fuga são lançados nesses agenciamentos coletivos? Quais as potências políticas e epistemológicas do conceito de pedagogias na educação? Nessas inquietações que ecoam, a pesquisa vai tecendo-se pela Cartografia, como um “mapa aberto” (ibidem) e ainda em busca de pensar os saberes feministas a partir da arte-resistência, dialoga com os estudos dos feminismos plurais de Espinosa-miñoso (2013), que nos convida a pensar os feminismos plurais movidos nas lutas das mulheres negras, latinas, indígenas que desestabilizam as relações de poder, com Araújo (2017), que versa sobre o feminismo angoleiro e a ginga enquanto uma epistemologia feminista, e com hooks (2017), trilhando o campo da educação enquanto um caminho transgressor.

Cartografia dos encontros de mulheres que gingham

A Cartografia configura-se em um movimento de atitude, exige ao cartógrafo imergir no tempo dos acontecimentos, dos encontros, de potências criadoras, não se pretendendo delimitar o acontecimento antes do acontecer, mas no acompanhar dos processos. A cartografia enquanto método não se limita à representação ou decalque do objeto, mas por linhas que vão sendo traçadas no processo, por vezes mais lineares, outras em curvas, mas sempre se redesenhando, como corpos que são movidos a gingar no campo do desconhecido. Uma cartografia é uma pesquisa-intervenção, produzida a várias mãos, uma pesquisa vivencial, que se abre a questões insurgentes no decorrer dos acontecimentos, mas “[...] não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método

sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. (BARROS; KASTRUP, 2009, p.17).

Desse modo, o acompanhar cartográfico da pesquisa segue as movimentações das pedagogias do coletivo “Angoleiras Cabanas” em suas artes-resistências de corpos moventes em tessituras com os saberes do corpo feminino materializado pela cabaça e a ginga como devir. Reverberações ancestrais e transgressões de gênero colocam em movimento os saberes de mulheres angoleiras nos circuitos de um devir-educar.

Nesse sentido, este estudo mergulha no desafio de cartografar os movimentos das pedagogias de mulheres angoleiras, a partir de seus agenciamentos culturais, políticos, filosóficos, educativos e ainda como uma epistemologia feminista. Assim, a pesquisa cartográfica ginga na capoeira e no mundo, num movimento de vai, mas não vai movendo a potência múltipla de corpos plurais que gingham em criação, abrindo caminhos para outros devires: devir-mulher, devir-animal, devir-gingar grupal, devir-gingar feminista, como um “mapa performance” aberto em experimentação. Num ato contínuo movemos a multiplicidade da palavra ginga e seus agenciamentos históricos (FONSECA, 2012) e filosóficos e como esses traçam as potências políticas e epistemológicas para pensarmos o conceito de pedagogias, pois, “pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, a nascente, o novo, o que está em vias de se fazer.” (DELEUZE, 1992, p. 132). Afiançando-o à educação e aos feminismos plurais de Lugones (2008), Collins (2015), hooks (1994), Araújo (2017), Fialho (2021), Fonseca (2012).

Mulheres Angoleiras: devires e saberes.

Nesses percursos, a pesquisa tateia as intervenções dos coletivos de mulheres angoleiras, as quais entre linhas e gingas, como um rizoma (DELEUZE E GUATTARI, 1995) que não se conecta somente ao corpo, mas com o mundo, com a política, com a natureza, com a educação e a cultura que marcam a arte-resistência de mulheres, mas também modos outros de traçar as epistemologias feministas a partir das diferenças de mulheres amazônidas que estão à margem, que traçaram suas linhas de fuga, demarcando uma dupla transgressão: percorrer o caminho da capoeira ainda visto como marginalizado e quebrar com o viés masculinizante dessa prática que se pretende libertária.

A intervenção coletiva por meio da junção de mulheres tem se tornado uma forte arma no campo da capoeira angola, reverberando problematizações e enfrentamentos, pois desestabiliza um terreno que antes era majoritariamente e hierarquicamente masculino. O agenciamento de mulheres nos últimos 30 anos (ARAÚJO, 2017) tem proporcionado a construção de outras narrativas, micropolíticas que colocam as mulheres como protagonistas de suas caminhadas e a ginga, movimento primeiro da capoeira angola, constitui-se uma metalinguagem dessa ação feminista, proporcionando com que corpos se redesenhem, como ato de defesa, de disfarce, tecendo caminhos, transformando experiências ancestrais. A transformação não expressa somente o maior número de mulheres praticando capoeira, mas

devires e saberes outros no encontro entre as mulheres e a capoeira angola, pois, se historicamente a capoeira em sua multiplicidade de saberes foi marcada por um modo duro de ensinar, que ascendia aos machismos, assédios e afastava as mulheres dessa prática, hoje ela oportuniza espaços em que mulheres exercem lideranças, referenciando-se como potências de mover-se, de movimentar-se, articulando saberes, compondo poéticas do canto, da dança, da luta coletiva por emancipação.

A ginga enquanto campo do saber ultrapassa o movimento corporal e configura o constante processo de negociação a que as mulheres em coletivos são submetidas, pois a capoeira, por seguir um sistema de linhagem e escola, por meio de suas lideranças masculinas questiona as ações coletivas das mulheres encapoeiradas, mas não problematiza o porquê de essas mesmas mulheres não sejam acolhidas nos grupos formais de capoeira como um espaço potencializador de seus corpos. Assim, nos devires e saberes/fazeres outros de mulheres em agenciamentos coletivos de capoeira angola costuram-se as pedagogingas como saberes múltiplos, moventes, que ginga corpos diversos e dissidentes, em saberes em construção, em processos, exercendo “uma pedagogia que ousa subverter a cisão entre corpo e mente e nos permite a estar presente por inteiro” (hooks, 2013, p. 256).

Movimentos Finais

Na Cartografia dos rizomas, a pesquisa constrói-se no caminhar, nos momentos desestruturantes, em que ocorre a intensificação do processo. Desse modo, o estudo debruça-se nos percursos de experimentação de uma *pedagogingas*, entendida como uma arte-resistência feita por e com mulheres angoleiras, arte praticada nos circuitos culturais do coletivo “Angoleiras Cabanas”, no jogo múltiplo que se dá entre gingas, devires, reverberações ancestrais e insurgências feministas em processos de devir-educar. Tais encontros vem recriando realidades ao possibilitar que mulheres que nunca antes viam-se experimentar essa arte estão experienciando, deslocando eixos, gingando para além da capoeira, no jogo das multiplicidades, estão reverberando ações e problematizações em outros campos, com outros sujeitos e sobretudo experienciando esses processos educativos aliançados a ginga enquanto saberes feministas, as pedagogingas, que, em contraposição ao saber formal, movem-se nos acontecimentos, na coletividade e na multiplicidade de saberes que atravessam a capoeira angola, vista como esse espaço múltiplo da diferença, do encontro com as potências que se insinuam nos desvãos das palavras e dos gestos, e que por meio do coletivo “Angoleiras Cabanas” potencializa mulheres a pensar e a criar modos outros de devir-educar.

Referências

ARAÚJO, Rosângela C. Ginga: uma epistemologia feminista. Seminário Internacional **Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis,

2017, ISSN 2179-510X.

COLLINS, Patrícia Hill. Em direção a uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categoria de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42. (Cadernos Sempreviva)

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995. Ed. 34 Letras, 1997.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. **Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica**. El Cotidiano, marzo-abril, 2014.

FIALHO, Paula Juliana Foltran. **Mulheres incorrigíveis: histórias de valentia, desordem e capoeiragem na Bahia**. I ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

FONSECA, Mariana Bracks. Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola. Século XVII. São Paulo, USP, 2012, 177f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2012.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LUGONES, María. **Colonialidad y Género**. Colombia: Tabula Rasa, nº 09, Julio-diciembre, 2008. p. 73-101.

OLIVEIRA, Mestra Alcione. Ladainha capoeira angola. Musicalidade na Capoeira angola. Belo Horizonte, s/d.

PASSOS, E.; KAST RUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre Sulina, 2009.
